



## **Carta de Schopenhauer a Karl Rosenkranz e Friedrich Wilhelm Schubert, de 24 de agosto de 1837<sup>1</sup>**

Breve nota introdutória:

A carta cuja tradução aqui apresentamos é mencionada por Schopenhauer em sua *Crítica da Filosofia Kantiana*, num contexto de justificativa em relação à acusação que ele, na primeira edição de sua obra principal e, conseqüentemente, de seu apêndice, dirigia ao afastamento de Kant em relação a uma posição idealista “decidida”. Em 1818, Schopenhauer ainda desconhecia o texto da primeira edição da *Crítica da Razão Pura*, na qual Kant defende seu idealismo da forma avaliada por Schopenhauer como coerente com o valor da obra kantiana. Seu juízo a respeito da versão resultante das modificações que Kant realiza para a publicação da segunda edição de sua obra principal é claro: “[...] o texto da *Crítica da Razão Pura*, tal qual circulou do ano de 1787 até o ano de 1838, tornou-se um livro desfigurado e corrompido, autocontraditório, cujo sentido, exatamente por isso, não podia ser completamente claro e compreensível a ninguém” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 504-5). Por isso, Schopenhauer envia, aos então organizadores das obras completas de Kant, uma carta na qual sugere que a *Crítica* seja publicada tendo o texto da primeira edição como base, e à qual faz menção na seqüência:

Os detalhes sobre isso, bem como minhas conjecturas sobre os motivos e fraquezas que poderiam ter levado Kant a uma semelhante desconfiguração de sua obra imortal, expus numa carta ao Sr. Prof. Rosenkranz, cuja

---

<sup>1</sup> SCHOPENHAUER, 1929, p. 472-477. Trad. Lucas Lazarini Valente — Doutorando em Filosofia (UNICAMP).

passagem principal foi acolhida por ele em seu prefácio ao segundo tomo da edição por ele preparada das obras completas de Kant, ao qual, portanto, eu aqui remeto (Ibid., p. 505)<sup>2</sup>.

Talvez Rosenkranz pudesse tomar espontaneamente a decisão de tornar pública a parte da carta de Schopenhauer mencionada por este no trecho que acabamos de citar. Em todo caso, o próprio filósofo já havia sugerido a realização de tal referência, num movimento que parece ter uma dupla função: por um lado, concluir a defesa do procedimento por ele proposto mostrando total confiança em sua recomendação, ao aceitar assumir publicamente a responsabilidade pela reimpressão da *Crítica* em sua forma original; por outro, garantir o recebimento do devido reconhecimento por tal realização que, para o filósofo, seria algo que justificaria a gratidão da posteridade.

Reconhecimento que Schopenhauer indiscutivelmente demonstra em relação a Kant, o que torna claro que a obra schopenhaueriana, tal como a conhecemos, não existiria se o autor de *O Mundo como Vontade e Representação* não tivesse sido um leitor de Kant. Por outro lado, ao reconhecermos a importância da carta enviada a Rosenkranz para a volta à circulação do texto original da primeira crítica kantiana, reconheceremos também que a obra do filósofo de Königsberg (da forma como chegou a nós) não seria a mesma se não contasse com Schopenhauer entre seus leitores.

\*\*\*

### **Aos senhores professores *Rosenkranz e Schubert*, da Universidade de Königsberg**

Muito prezados senhores!

É apenas tendo em vista a sua condição de organizadores das obras completas de Kant que tomo a liberdade de compartilhar com os senhores algo que eu, como resultado de uma intenção entretida por muitos anos, compartilharia igualmente com qualquer um que tivesse

---

<sup>2</sup> Tradução superficialmente modificada.

pela frente a mencionada tarefa. Ainda que essa tarefa, como não pretendo negar, não venha a acontecer nem em seu nem em meu proveito, mas apenas e completamente tendo em vista o interesse puramente objetivo da filosofia kantiana, tal informação compartilhada ainda assim lhes trará alguma vantagem, caso os senhores queiram utilizá-la. E isso na medida em que, dessa forma, cumprirão com honra a incumbência assumida e merecerão o louvor de ter realizado algo em função do que os senhores, como organizadores, poderão ter seus nomes colocados à frente da edição. Pois, com exceção dos únicos pontos sobre os quais eu tenho de falar, vejo, na obra de Kant, pouca ocasião para isso. Completude e impressão correta não são coisas difíceis de se obter aqui, e a ordem dos livros é, no fim, indiferente.

Quanto a mim, creio poder pressupor que minha relação com a filosofia kantiana e a minha crítica da mesma lhes sejam conhecidas. Há 27 anos a doutrina de Kant é um dos principais objetos de meus estudos e de minha reflexão. Eu gostaria de saber quem entre os contemporâneos seria mais competente do que eu na filosofia kantiana. – Mas passemos à questão! –

É conhecido que Kant realizou uma significativa alteração na segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, e que é a partir dessa segunda que todas as edições seguintes foram impressas. Eu tenho a firme convicção, crescida a partir do repetido estudo da obra e apoiada em razões seguras, de que Kant, através daquela modificação, mutilou, deformou e arruinou sua obra. O que o levou a isso foi receio diante da opinião alheia, provocado pela senilidade, a qual não apenas ataca a cabeça, mas às vezes também acaba por retirar ao coração aquela firmeza necessária para que se despreze os contemporâneos em suas opiniões e intenções, como lhes é devido; sem o que jamais alguém se torna um grande homem. A Kant havia sido feita a acusação de que sua doutrina seria apenas um idealismo berkeleyano renovado. Além disso, sua derubada de doutrinas sagradas do antigo dogmatismo, a saber, da psicologia racional, havia provocado incômodo. A isso se acrescenta o fato externo de que o grande rei, o amigo das luzes e protetor da verdade, havia acabado de morrer, e aquele sucessor, a quem Kant praticamente teve de fazer a promessa de que não mais escreveria, havia assumido o poder. Kant se deixou intimidar por tudo isso, e foi fraco a ponto

de fazer aquilo que não era digno dele. Isso consiste no fato de que ele modificou completamente o primeiro capítulo do segundo livro da *Dialética Transcendental* (p. 341 da primeira edição; – p. 399 da quinta) e simplesmente removeu 32 páginas dali, as quais continham precisamente aquilo que é imprescindivelmente necessário à clara compreensão de toda a obra, e cuja omissão faz com que toda sua doutrina incorra em contradições consigo mesma – o que vale também para as novas passagens inseridas em seu lugar; contradições que eu destaquei e reprimi em minha crítica (p. 612-618), precisamente apenas porque eu, então, em 1818, nunca tinha visto a primeira edição, na qual aquelas passagens não constituem contradição alguma, mas estão de acordo com o todo. Na verdade, a segunda edição se assemelha a uma pessoa a quem se amputou uma perna, a qual, depois, foi substituída por uma de madeira. – No prefácio à segunda edição, p. XLII, Kant oferece desculpas descaradas, até mesmo falsas, para a eliminação daquela importante e extremamente bela parte de seu livro, porque ele não quer que aquela omissão seja abertamente vista como um recuo: poder-se-ia verificar na primeira edição, diz ele, que ele teria precisado de espaço para a nova parte incluída, e que tudo seria apenas uma exposição melhorada. – Mas fica claro o que esse pretexto tem de desonesto quando a segunda edição é comparada com a primeira, visto que na segunda edição ele não apenas omitiu o já mencionado importante e belo capítulo e, para isso, inseriu sob o mesmo título algo que possui metade de sua extensão e que é muito menos significativo; ele também incorporou à segunda edição (p. 274-279 da quinta edição – além da primeira edição, eu possuo apenas essa, e não sei se sua paginação é exatamente a mesma da segunda) uma expressa refutação do idealismo, a qual significa precisamente o oposto da passagem omitida e acaba por defender todos os enganos que essa passagem tinha refutado da forma mais fundamentada. Como consequência, essa refutação se encontra em contradição com toda sua doutrina. A nova e suposta refutação do idealismo que é agora aqui oferecida é tão fundamentalmente ruim, é um sofisma tão manifesto e, em parte, um galimatias tão confuso, que ela é completamente indigna de seu lugar na obra imortal de Kant. Tendo consciência dessa insuficiência, ele ainda quis, na p. XXXIX do prefácio,

melhorá-la por meio da alteração de uma passagem e, por meio de uma longa e confusa observação, defendê-la. Mas o velho homem se esqueceu de eliminar, ao longo de toda a segunda edição, todas as muitas passagens que se encontram em contradição com aquela recentemente adicionada, mas que harmonizam perfeitamente com aquela omitida. Semelhantes passagens são, por exemplo, especialmente todo o sexto parágrafo da antinomia da razão pura, além daquelas que eu indiquei em minha crítica (p. 615), em um estado de, por assim dizer, perplexidade, porque Kant, com isso, contradizia a si mesmo, e a primeira edição e, conseqüentemente, a fraude, me eram (em 1818) ainda desconhecidas. (De passagem, vocês podem inferir a partir disso que eu não lhes aconselho em favor de meu interesse pessoal, mas sim contra ele). Que foi receio diante da opinião alheia o que moveu o fraco ancião a essa deformação da crítica da psicologia racional fica claro também a partir do fato de que seus ataques a essa sagrada doutrina do velho dogmatismo são muito mais fracos, tímidos e superficiais do que na primeira edição, e de que ele, para se confortar, imediatamente os substituiu por discussões provisórias, mas aqui ainda completamente alheias e, do ponto de vista do contexto, completamente incompreensíveis, a respeito da imortalidade da alma, a partir de fundamentos da razão prática e como postulado da mesma. Esse temeroso recuo o conduziu, portanto, a voltar atrás em relação a sua posição a respeito do ponto principal de toda filosofia, a saber, o da relação entre o ideal e o real, isto é, em relação aos pensamentos que ele concebera em seus anos mais vigorosos e os quais entretera ao longo de toda sua vida; e isso agora em seu sexagésimo-quarto ano, com a leviandade que, assim como o medo, é própria à idade avançada. No entanto, por vergonha, ele não o fez abertamente, mas sim, escapando pelas portas dos fundos, abandonou seu sistema. Dessa maneira, portanto, a *Crítica da Razão Pura*, na segunda edição, se transformou em um livro contraditório consigo mesmo, mutilado e arruinado; ela é, de certa forma, falsa. – Com o que foi dito aqui concorda também F.H. Jacobi na segunda parte de seus escritos completos (ou: Hume sobre a Crença), onde ele publicou parte daquilo que Kant suprimiu e manteve bem guardado.

Meus senhores, o destino colocou em suas mãos a oportunidade de restituir ao mundo a *Crítica da Razão Pura*, o livro mais importante que já foi escrito na Europa, pura e livre de falsificações, em sua forma genuína, e, por meio de tal justa *Restitutio in integrum*, receber a aprovação de todas as pessoas razoáveis, o agradecimento da posteridade e o devido reconhecimento por sua realização. E isso precisamente no momento em que já começa a vida europeia (não antes do que 60 anos depois de seu surgimento) deste livro escrito para todos os tempos, na medida em que Inglaterra e França desejam avidamente essa fonte de sabedoria. Não deixem para um momento posterior, e para organizadores que podem ofuscá-los, aquilo que é inevitável: sejam conscientes da importância de sua posição e aproveitem a oportunidade de prestar um verdadeiro e duradouro serviço à filosofia ao tomar a coragem para dar um passo cuja ousadia, porque ela é completamente justificada pela natureza da questão, certamente lhes trará honra. *Sapere audete!* Imprimam a *Crítica da Razão Pura* exatamente conforme a primeira edição e acrescentem as adições e variações da segunda como suplemento, com constante referência a ele a partir do texto impresso. Este é também, no fundo, apenas o procedimento meramente cronológico, na medida em que os senhores ofereceriam a Crítica em sua forma original, como Kant a colocou a disposição do mundo após um trabalho de muitos anos, e, então, acrescentariam as alterações que ele fez mais tarde nela.

Eu cotejei detalhadamente ambas edições, anotei todas as divergências e diferenças e me disponho a lhes enviar um índice confiável, completo, que fornece de forma precisa toda divergência ou adição, conforme páginas e linhas; o qual os senhores usariam apenas para verificação e com o qual seriam dispensados de todo esforço adicional. A primeira edição possui apenas 27 páginas a menos do que as outras: ela é, por meio de sua unidade orgânica e da originalidade de sua constituição – o que vale também para todas as passagens que lhe são peculiares – extremamente mais clara e compreensível do que a segunda. Isso se estende até ao seu sumário, o qual, por sua simplicidade, é muito mais acessível do que o da segunda.

Não se deixem tomar pela tendência, própria ao homem, de permanecer em caminhos já percorridos, em trilhos seguidos à exaustão,

no caminho alargado daquilo que é convencional (a respeito do que Pitágoras advertia), e adotar algo semelhante a uma meia medida, ao tomar a segunda edição como base e acrescentar a ela, como variantes, as passagens originais da primeira. Isso seria como se, no caso de uma antiga obra de arte restaurada, não se quisesse inserir nela os membros genuínos mais tarde encontrados, mas apenas colocá-los ao seu lado. Pelo contrário, deem prova, por meio dessa excelente oportunidade, de que possuem discernimento e visão, ao proceder de forma consequente e fazer o que nessa questão é indicado e a ela adequado. *Seguir li pochi e non la vulgar gente*. Caso os senhores queiram me nomear conselheiro e consultor, de minha parte não há problema. Eu estou tão firmemente convencido da exclusiva correção do procedimento que lhes é sugerido, que estou disposto a assumir sozinho toda a responsabilidade, caso os senhores assim o desejem, e os autorizo a imprimir toda a passagem principal da presente carta, que vai de “mas passemos à questão” até “de certa forma, falsa”, em defesa de seu procedimento segundo a minha sugestão. O que, no entanto, teria de acontecer com a menção a meu nome e sem quaisquer alterações ou omissões. –

Alguns irão comprar sua edição para possuir a tão rara forma original da *Crítica da Razão Pura*, a qual eles conhecem apenas através de uma tradição obscura, ao passo que a versão mutilada da *Crítica da Razão Pura*, em 6 ou 7 impressões, é um livro muito difundido. Isso é um argumento para o editor. No entanto, é provavelmente supérfluo dizer que eu não exijo ou espero a menor retribuição pelos meus esforços nessa questão. – Se quiserem seguir meu conselho, me ofereço para compartilhar com os senhores ainda algumas notas de menor interesse. Também não negarei que, caso os senhores não o sigam, eu irei me esforçar para obter outra oportunidade de promover a vinda à luz da *Crítica da Razão Pura* em sua forma genuína; o que afetaria de forma desvantajosa sua edição. A única coisa que me interessa é que, nessa importante questão, aconteça o que é correto, não importando por meio de quem. *Dixi & animam salvavi*.

Com os mais sinceros votos de um feliz prosseguimento para sua louvável tarefa, eu sou, meus senhores,

seu

devoto servo

*Arthur Schopenhauer.*

*Frankfurt a. M.*

24 de agosto de 1837.

## **Referências**

SCHOPENHAUER, A. *Sämtliche Werke. Vierzehnter Band.* Herausgegeben von Dr. Paul Deussen. München: Piper, 1929.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação.* Tomo I. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2015.

Recebido: 14/02/2018

*Received:* 02/14/2018

Aprovado: 28/02/2018

*Approved:* 02/28/2018